

6 Apresentação e Discussão dos dados

6.1 Apresentando a Escola Municipal Aurora, os atores na cena, a cena e o professor

Para iniciar esta descrição, aproprio-me de Bogdan e Biklen (1994) ao referirem-se à descrição das notas de campo como um momento único “O objetivo é captar uma fatia da vida” (p.152). Portanto, este espaço reserva-se à descrição daqueles que dão o colorido e justificam a razão de existência da educação, que dão vida com o barulho, as risadas, os momentos de descontração e também, por vezes, de irritação. As conversas pelos corredores, as informações nos murais, os encontros rápidos na sala dos professores, estes são alguns aspectos que só o espaço escolar tem. Voltar à escola tem sempre um sabor diferente e especial, numa mistura de sentimentos de alegria e ansiedade.

Entrar no corredor ou no pátio da escola é como encontrar-se com a própria identidade. Aqui, pretendo desenhar um pouco o espaço onde se deu o trabalho de campo, bem como de alguns atores que compõem esta história.

Alguns aspectos da escola reportam-nos às particularidades de nossas próprias casas. Detalhes como cortinas, enfeites na sala da direção, mensagens religiosas nos murais e o modelo dos tapetes dispostos no banheiro dos professores trazem-nos esta lembrança. Como atenua o professor João²²:

“Nossa escola tem jeito de casa, acho isso bom, é como se fosse a continuação da casa deles.”

A disposição do prédio não favorece a comunicação entre o pessoal da escola. As salas são separadas por um corredor, que acaba cumprindo a função apenas arquitetônica, de ligação. Separadamente, ao lado, encontramos um bloco que recebe as crianças da Educação Infantil, com parquinho de areia e brinquedo de madeira colorida, espaço pouco freqüentado pelas crianças maiores, que têm do lado oposto um campo com pouca grama para passarem o tempo de intervalo e

²² Nome fictício

também das aulas de recreação, que acontecem em forma de escala. É também o espaço onde as festinhas acontecem. Uma árvore no centro tenta cumprir sua função de dar a sombra apesar de sua abrangência insuficiente. Sobre o bloco da Educação Infantil estão uma pequena sala de leitura e um auditório freqüentado pelas crianças maiores acompanhadas de suas professoras.

A escola situa-se em uma área central às necessidades dos moradores, dividida por residências de pessoas com poder aquisitivo um pouco mais elevado que outros do mesmo bairro. Refiro-me à centralidade de necessidades, por fatos referentes ao nascimento da escola, que vem em resposta ao anseio da população que residia de um dos lados da rodovia que corta a cidade, o que ocasionava preocupação dos pais na travessia das crianças. Após um grave acidente, na década de 70, quando uma criança perdeu a perna, a comunidade sensibiliza os poderes públicos para a construção de uma escola dentro do bairro.

A localidade chama a atenção pela amplitude dos terrenos e pela calmaria que ainda preserva. Local bem arborizado e com pessoas se locomovendo de bicicleta, fato comum na cidade. Segundo uma funcionária antiga da escola “*o bairro não foi sempre assim*” havia pouca infra-estrutura e possuía casas apenas de um lado, como uma vila de acesso à região serrana. Segundo ela

“As famílias eram de baixa renda e marcada pela violência dos maridos alcoólatras. Com a construção de um posto de saúde e uma pousada, vieram os loteamentos e as novas construções. Para ela, a auto-estima dos moradores melhorou. A violência doméstica diminuiu, ela atribui à criação do conselho tutelar, que não é tão atuante, mas que assusta os pais. As crianças chegam mais limpinhas na escola e fatos como retirada de bicho de pé e piolhos das crianças pelos funcionários da escola já não são freqüentes. (...) A segunda geração chegou melhor, apesar de algumas partes do bairro serem denominadas pelos mais antigos como favela, mesmo já tendo recebido infra-estrutura, as coisas estão melhores”.

A área total é de 1.411,04 m² de terreno, sendo 626,62 m² de área construída e 784,42 m² de área livre. Primeiramente veio a construção do prédio destinado ao primeiro segmento do Ensino Fundamental que conta com seis salas de aula. O bloco da Educação Infantil foi construído posteriormente, na medida

em que a demanda crescia. Possui atualmente três salas de aula. Estes dois segmentos são atendidos em dois turnos (manhã e tarde) de quatro horas cada, além do prédio ser utilizado com turmas do EJA (Educação de Jovens e Adultos) no turno da noite, funcionando em forma de ciclo, em três fases, voltadas para a alfabetização. A localização não favorece a presença dos pais em momentos cotidianos como a entrada e a saída das crianças, já que os que moram no bairro vêm sozinhos e os de longe em uma condução da Prefeitura. Segundo o professor João, a presença dos pais nas festas realizadas pela escola é sempre um sucesso, enquanto a presença nas reuniões ainda é um desafio.

A escola conta aproximadamente com 392 alunos e uma equipe de 47 funcionários, sendo 22 de apoio, 08 administrativos e 17 professores. Dentre a equipe, a diretora cursa Serviço Social, a professora orientadora é Pedagoga, a maioria dos professores tem nível médio e 20% estão cursando nível superior em áreas, como História, Matemática etc. Sendo estes todos oriundos de concurso público, enquanto a direção dá-se em forma de indicação pela Secretaria Municipal de Educação Cultura e Esporte desde 2005²³. Devido ao fato de serem concursados há pouca rotatividade dos professores.

O primeiro segmento do Ensino Fundamental tem duração de cinco anos, divididos em dois blocos:

- CBA (Ciclo Básico de Alfabetização), com duração de três anos;
- 3ª e 4ª séries, com duração mínima de dois anos no sistema de seriação.

A escola Aurora recebe verba anual fornecida pelo FUNDEB (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica) em substituição ao FUNDEF²⁴ e também aplica em pequenas despesas o dinheiro arrecadado na cantina. Além de valores arrecadados em festa folclórica, no mês de julho.

Os atores na cena

O primeiro dia de entrada no campo traz o desconforto do retorno depois de um período dedicado às teorias e às reflexões, todos parecem nos olhar como estranhos. Ir à academia buscar um novo fôlego para os conflitos do cotidiano escolar e para a vontade, muitas vezes de desistir, sem dúvida é vital, mas traz

²³ Dado colhido no documento 'Resumo do Movimento Estatístico', fornecido pelo Departamento de Ensino da Secretaria Municipal de Educação, datado de Julho de 2006.

²⁴ Referência: Projeto Político Pedagógico da Escola datado de 2003.

também um afastamento, que precisava ser resgatado. Sem dúvida, as crianças são as melhores recepcionistas que podemos ter. A preocupação inicial foi por fazer uso de vestimentas que não chamassem a atenção, neste instante considerava importante a casualidade do cotidiano escolar. Numa investigação qualitativa, como aponta Bogdan e Biklen (1994) “os sujeitos são as pessoas entrevistadas e que se encontram no meio em que decorre a investigação, mas você deve também considerar-se a si próprio como objeto de escrutínio”. Apesar de ter um papel definido naquele momento, havia um cuidado em particular, por já ter sido vinculado na escola como um elemento da Secretaria de Educação e por desejar aproximar-se do professor como sendo um deles. A vestimenta ajudaria a compor este papel.

Após o primeiro contato com a professora orientadora Fátima²⁵ e num segundo momento com o professor da turma João, a ida para o recreio com as crianças trouxe a leveza necessária àquele momento. A brincadeira com as crianças devolve sabores da própria infância e isto reafirma a crença pessoal na educação. Por ser oriunda da escola pública e sempre ter atuado nela, a identificação com os valores, necessidades e anseios dessas crianças são inevitáveis. De início a percepção das crianças é de curiosidade, mas na medida em que nos relacionamos, a estranheza desaparece e eles parecem compreender melhor nosso papel ali. Na realidade buscou-se algo que eles podem fornecer, mas que não se dão conta, através de riquezas observadas no cotidiano como o relacionamento respeitoso e ao mesmo tempo afetuoso entre eles e o professor, do sexo masculino, raro na educação e no caso da escola, o único.

Apesar da maioria dos professores terem dupla regência, inclusive o professor da turma, que também faz faculdade de Pedagogia aos sábados, ainda há a prática do encantamento com as crianças nas dedilhadas no violão no final da aula e ainda ao transformar-se em palhaço na festa do dia da criança.

Entretanto, a correria dos professores traz dificuldades no coletivo da escola, já que pouco se encontram em um espaço comum, saindo rapidamente após o término das aulas para cumprimento da segunda jornada.

O planejamento das aulas é feito individualmente com a professora orientadora uma hora por semana, fazendo as intervenções necessárias em um

²⁵ Nome fictício

esboço já iniciado em casa pelo professor. O planejamento segue linhas diferentes que, segundo a orientadora, dá-se devido às particularidades de cada professor, no que se refere ao temperamento, domínio de turma etc. Devido à dupla jornada, os professores não têm um tempo de construção coletiva.

A Cena

A escola Aurora conta no turno da manhã com três turmas de CBA (iniciante, intermediária e final). A observação dá-se na classe final do ciclo, através da indicação da orientadora, que considera o perfil do professor satisfatório ao que se deseja observar, ou seja, um professor considerado ‘referência’ na escola. E também por ser uma ‘turma bem misturada’. Interessava-nos entender a que mistura se referia, se tinha alguma relação com a heterogeneidade, pano de fundo de nosso trabalho. A turma é considerada por ela como ‘mesclada’ (com mais diferenças), tendo em sua maioria alunos alfabéticos e alguns no nível silábico alfabético, que vieram por transferência.

A sala de aula traz o mobiliário disposto na nossa referência de escola tradicional. As carteiras estão sempre enfileiradas, o quadro verde por vezes divide-se ao meio com atividades diferentes para a turma que se divide em dois grupos. O professor organiza o grupo de alunos da seguinte forma: os alfabéticos tendem a sentar-se à esquerda, enquanto os silábicos se organizam à direita e três alunas que não se encontram alfabetizadas ficam no fundo da sala com uma bolsista²⁶. Na parte esquerda, ou seja, de frente para os alunos pré-silábicos estão dispostas as letras do alfabeto. A mesa do professor está disposta ao lado direito da sala de aula e ao fundo um armário para materiais. Ao lado do quadro verde está disposto um cartaz de incentivo, com o nome dos alunos e marcações referentes ao cumprimento das tarefas de casa.

Um fator a ser destacado que é a utilização da condução da Prefeitura, para chegar até a escola. Algumas crianças não são residentes no bairro, são oriundas de fazendas, áreas do MST (Movimento dos Sem Terra) e regiões serranas.

A rede municipal junto à escola providenciou uma bolsista para compensar essas chamadas diferenças, ou seja, o distanciamento entre os níveis de

²⁶ O Projeto Bolsa Estágio é desenvolvido pelo Município objetivando a ampliação da renda familiar para fins de continuidade dos estudos. Alunos (as) do curso de Pedagogia, que residem no Município, auxiliam turmas com muitos alunos e/ou com níveis muito distanciados. O Município oferece também o Projeto Bolsista Auxiliar para os que estão cursando o Ensino Médio.

desempenho das crianças. Por não serem oriundas da escola, essas crianças necessitavam de um trabalho mais acompanhado, para seguirem o ritmo da turma e se inserirem na dinâmica da escola.

Segundo a orientadora Fátima *“no início do ano letivo a escola procurou uma aproximação maior entre os níveis na hora da organização das turmas, mas o recebimento destes alunos que residem mais distante da escola trouxe certo desequilíbrio na proposta”*.

A turma é de 34 (trinta e quatro) alunos matriculados, com 32 (trinta e dois) alunos freqüentes, dos quais 24 (vinte e quatro) são classificados como alfabéticos, acompanhando bem o conteúdo aplicado, conforme a ementa, 05 (cinco) recebem trabalho diferenciado por não estarem com o processo de leitura bem sistematizado e 03 (três) não acompanham o conteúdo de 2ª série, recebendo atendimento separado pela bolsista. No grupo dos cinco alunos encontramos duas meninas com a idade bem acima do restante da turma, que levantam questões e apresentam problemas de disciplina por estarem com interesses diferentes do restante do grupo. Não demonstram interesse pelo que é discutido em sala nem mesmo na aula semanal de recreação. O professor de recreação aponta a diferença de faixa etária da turma como uma dificuldade no desenvolvimento de seu trabalho. Além do atendimento em sala, as crianças que não acompanham a turma, recebem duas vezes na semana, durante uma hora, após o horário da aula, um reforço escolar dado pelos próprios professores da escola. Segundo a orientadora Fátima: *“o resultado não é tão satisfatório, devido ao cansaço das crianças”*.

A turma de 32 alunos na realidade subdivide-se em três grupos diferentes, que em alguns momentos recebem atividades únicas, como no caso de uma experiência de ciências ou do acompanhamento de uma música, ou ainda, como observado, através do quadro dividido com atividades bem iniciais para uma parte do grupo, e leitura e a interpretação de um texto do livro didático para os outros. Todas as segundas-feiras são realizadas leituras de um texto, comum a todos os alunos e durante a semana trabalha-se as outras disciplinas a partir deste tema gerador. Na sexta-feira avalia-se o aproveitamento, seguindo as possibilidades individuais dos três grupos descritos. O professor também diz: *“faço uso da correção coletiva no quadro do texto de um dos alunos, para que eles mesmos detectem os possíveis ‘erros’.*”

Em face da aproximação do término do ano letivo, foi avaliado durante o planejamento, que se faz necessário um acompanhamento maior do conteúdo de matemática, para que os alunos acompanhem melhor a turma de 3ª série. Segundo o professor serão formulados problemas matemáticos na turma dividida em grupos seguindo o critério dos níveis de aprendizagem, com uma aproximação razoável, para que haja entendimento e avanço entre os (as) alunos (as). A orientadora Fátima diz ter sido o mesmo critério utilizado pela escola na organização das turmas. *“A organização da turma por níveis facilitou o trabalho dos professores. Nunca coloca pré-silábico com pré-silábico para não cairmos na chamada turma forte e turma fraca”*.

O professor tem como estratégia na turma um quadro de incentivos com colocação de estrelinhas, para controle e motivação de tarefas de casa, que segundo o professor contribuem positivamente com a aprendizagem. Em acesso à Ata do conselho do 3º bimestre, encontramos o registro da expectativa do professor em relação à turma que acredita que 06 alunos encontram-se com pouca chance de aprovação no fechamento do ciclo. Esses alunos aparentemente apresentam problemas que extrapolavam o pedagógico. Apesar de todo o trabalho e dedicação do professor, esses alunos não conseguiram aprovação ao final do ciclo.

O Professor

Para uma turma considerada com tantas particularidades, nada mais adequado do que a presença de um professor do sexo masculino. Talvez este seja um ponto de partida para descrevê-lo, não que o sexo, biologicamente falando, faça diferença, mas este tem sido um fato tão raro nas séries iniciais, que consideramos interessante registrar. Casado, pai de um filho, evangélico, busca trazer princípios de sua crença para sala de aula, isto é observado nas músicas que são cantadas no término de algumas aulas e nos trechos postos no quadro de giz. Seu tom de voz grave não é impedimento para comunicar-se com os alunos que misturam admiração e respeito em suas atitudes, por vezes o tom de voz é alterado para rapidamente tentar retomar. Em alguns momentos alunos de outras turmas, adentram a sala para abraçar o professor João, fato também observado durante o recreio na sala dos professores.

Como prática diária o professor corrige a tarefa de casa no quadro de giz ou inicia a aula apresentando um novo conteúdo. A tarefa de casa é dada por volta de três vezes na semana, os que fazem recebem uma estrela no cartaz disposto à direita da mesa do professor e quando é dado um novo conteúdo ele faz uso de explanação, desenho no quadro ou um experimento, para conseguir alcançar os alunos que não lêem. Quando precisa tirar dúvidas do grupo que lê e escreve ele utiliza parte do quadro, deixando uma outra atividade para os que não lêem com segurança, enquanto a bolsista atende o restante. Nos dias que a turma não tem atividade extra como recreação, apresentação do grupo de teatro, ou algum outro projeto da Secretaria Municipal de Educação o tempo de aula é mais bem aproveitado, possibilitando seu fechamento com uma música cantada pelo professor e alunos. Prática que o professor e as crianças gostam bastante.

Apesar da quantidade de alunos na sala, não há queixa de indisciplina em suas aulas, por algumas vezes a forma dura de referir-se aos alunos mais inquietos e as ameaças por deixar sem recreio causaram certa inquietação durante as observações. Quanto ao recreio, talvez seja uma das últimas formas de defesa que ainda restam ao professor para definir seu espaço.

O professor tem como rotina diária esperar as crianças dentro da sala de aula já que muitas delas residem distante da escola e utilizam o ônibus escolar. As crianças ao entrarem, sentam-se enfileiradas, divididas em dois grupos. Aquelas que já lêem e escrevem com segurança situam-se ao lado direito do professor enquanto que as que ainda apresentam dificuldades de leitura e escrita ficam à esquerda da mesa do professor. Essa prática de agrupamento dos alunos na sala de aula é específica deste professor na escola. A supervisão apóia essa dinâmica de trabalho.

O planejamento cuidadoso de suas aulas é uma constante. Ele organiza grande parte de suas aulas em casa, tem encontro semanal com a orientadora e até no momento de recreio de sua turma fica na sala dos professores preparando alguma atividade para o segundo momento de aula do dia. O conteúdo das aulas é selecionado a partir de uma ementa encaminhada pela secretaria de educação à escola. A partir desta ementa ele planeja as atividades da turma tendo como suporte atividades artísticas e musicais. Ele planeja atividades específicas para os dois grupos mencionados acima, mas as atividades lúdicas e musicais são comuns aos dois grupos. Assim os dois grupos têm tarefas direcionadas, mas estão sempre

interagindo uns com os outros tentando evitar a separação entre fortes e fracos e conseqüentemente a rotulação. Mesmo assim ainda pode-se sentir uma separação entre os alunos.

Em sua fala sobre os cursos que frequênta encontramos a contribuição da formação continuada em sua prática diferenciada através das atividades de leitura, arte e teatro.

“Cursos a gente está sempre fazendo algum, por que sempre tem algo novo para aprender. Na semana passada terminou o pró-letramento de português, muito bom, trouxe várias idéias para a gente passar na sala de aula. De vez em quando faço cursos de quatro, oito horas, de arte, meio ambiente, trazendo alguma coisa para o dia a dia da sala de aula...”

“Tem um curso na Petrobrás que estamos fazendo que é em artes e teatro, que os professores passam pela capacitação, a gente traz a idéia para a escola e monta com os alunos. Tivemos o ano todo dentro do NAPE (Núcleo de Apoio ao Profissional da Educação), diversos cursos para capacitação de quatro horas, que sempre está passando algo para a gente.”

O horário de entrada é o momento onde o professor se encontra com os colegas, já que o recreio é feito por turma. Na saída ele e seus colegas se encontram com os professores do turno da tarde que estão chegando e inclusive, algumas vezes, almoçam juntos.

Por residir em outro município, após a segunda jornada de trabalho, regressa à família, retornando no sábado para o curso de Pedagogia à distância.

Segundo sua fala na entrevista (em anexo), podemos confirmar em sala de aula a busca pela arte como suporte pedagógico para facilitar a aprendizagem dos alunos. Os colegas também o reconhecem como alguém que faz uso da estratégia da música, do teatro e de outras expressões no cotidiano escolar.

A orientação da escola é que os professores planejem atividades integradas. Assim muitas vezes o mesmo texto é utilizado para ensinar língua portuguesa, ciências, história e geografia, e matemática. No início da semana realiza-se uma leitura de um texto que inclui um tema gerador que será explorado durante toda aquela semana. A avaliação também é realizada de forma a integrar os conteúdos. Nessa avaliação do processo ensino aprendizagem o professor inclui

uma prova bimestral feita de acordo com a orientação da escola, um relatório individual feito pelo professor, acompanhado pela orientadora que fica em uma pasta arquivada na escola. Esse relatório tem maior peso na avaliação do aluno. A frequência também é fator relevante para a avaliação do aluno.

Durante uma aula integrada de Português e Ciências, além de utilizar o quadro para ousar em desenhos, que segundo ele são “*péssimos*”, buscando compreensão das partes das plantas, também foi feito uso da experimentação com copinhos descartáveis e folhas de plantas trazidas pelas crianças, a fim de que os alunos compreendessem melhor a fotossíntese, tendo o resultado registrado no caderno em forma de relatório, utilizando como título ‘minha experiência’, depois trocado por ‘minha brincadeira’, para que as crianças entendessem melhor. Durante o experimento ele trabalhou também as cores que predominavam com a adição de álcool nos copinhos.

Um outro momento importante da observação mostrou a realização de atividades diferenciadas com a turma em dois grupos, um fazendo atividades bem iniciais de alfabetização, enquanto os outros com o auxílio do livro didático realizavam a leitura de um texto. Apesar de terem um nível mais avançado, solicitavam ajuda devido à complexidade do que as questões interpretativas solicitavam. Em meio à atividade os alunos foram convidados a participarem de um teatro com duração de meia hora que tinha como temática ‘a mãe África’ onde se discutiam valores, comportamentos, discriminação racial, com um simples, mas belo cenário com réplica de animais e instrumentos originários da África presentes hoje em nossa cultura. No retorno à sala de aula o professor corrigiu a atividade do texto, enquanto o outro grupo copiava uma música do quadro para cantarem juntos no término da aula.

A relação entre a bolsista e o professor é bem cordial, ela tenta cumprir os encaminhamentos dados por ele de atendimento aos três alunos que não lêem, ficando na maioria do tempo no fundo da sala, enquanto o trabalho é dinamizado com os outros alunos, em alguns momentos divididos em dois grupos, um à direita e o outro à esquerda da sala. O trabalho da bolsista em alguns momentos é interrompido, por precisar cobrir a turma de algum professor que tenha faltado.

De forma geral há um bom atendimento aos alunos na mesa do professor, quando o trabalho é realizado com a turma toda, porém devido ao número e à disposição das carteiras alguns alunos no fundo da sala ficam em certo

isolamento, precisando de um atendimento mais individualizado que por vezes não chega. O tempo de realização das atividades pelos alunos é bem diferente e a presença da bolsista acaba sendo mal aproveitada, porém, percebe-se que a angústia do professor em relação aos três alunos é muito grande devido à ausência de resposta no cumprimento das tarefas em sala e também as que são encaminhadas para serem realizadas em casa, a apatia dessas três crianças é nítida, não tendo nenhum significado para elas a leitura e a escrita. A tentativa por tentar atendê-las acaba as excluindo, estando no nível bem inicial de alfabetização enquanto a maioria fechando este ciclo. As atividades realizadas com elas são do primeiro ano de escolaridade, segundo a bolsista, um dos meninos pode conseguir acompanhar a turma, mas as duas meninas dificilmente o farão, devido ao grau de dificuldade, acredita que tenham comprometimento de alguma outra ordem.

As aulas já chegam planejadas e com estratégias dinâmicas como a que será relatada. Primeiramente, foram trabalhadas no quadro verde, atividades com a letra J e G e junção de sílabas, para que as crianças percebessem a diferença de pronúncia e escrita. Posteriormente eles foram chamados para a aula de recreação, logo após o recreio e no retorno para a sala de aula foi construído um telefone sem fio. Sem retornar a tarefa anterior, o professor distribuiu um pedaço de linha para cada aluno e no centro da sala colocou uma cartolina onde escreveu a palavra “STOP” e pediu que eles identificassem a palavra. Naquele momento tanto os que eram leitores quanto os que não identificaram os signos e leram sem problemas. No verso da mesma cartolina fez um desenho e utilizou à mesma estratégia de identificação, nesse momento os alunos estavam em círculo e participavam ativamente da atividade. A partir disto, fez um paralelo para os alunos sobre a linguagem desde a idade da pedra até o uso da Internet. A proposta final foi enviar a mensagem pelo telefone sem fio, construído pelos alunos. Em alguns momentos, quando havia excesso de conversa, ele ameaçava com a possibilidade de anotação do nome das crianças em um caderno. Durante o período da recreação, o professor não acompanhou as crianças, ficando em sala organizando as próximas atividades para os alunos.

Como observação final pode-se traçar como principais e importantes características para um professor de séries iniciais observadas neste professor tido como “referência”: domínio de turma, criatividade, organização e preocupação com a formação inicial e continuada.

6.2 Discutindo os Dados

A segunda etapa destinou-se à análise e interpretação dos dados colhidos no campo, momento não menos importante, na concepção de Denzin(1998)

Nas ciências sociais o que há é somente a interpretação; nada fala por si. Dar sentido aos dados, interpretá-los e buscar coerência teórica são partes desse processo, que vai sendo lentamente realizado e aprofundado em bases reflexivas. Quando o pesquisador distancia-se do campo envolve-se na interpretação dos dados e tem por parâmetros os pressupostos teóricos a que o estudo se filia. (in Tura, p.201-202).

Portanto, este momento de afastamento do campo é fundamental para a re-elaboração das questões.

Este processo de análise e interpretação dos dados foi descrito, sempre mantendo uma preocupação com o cruzamento das informações contidas nos documentos oficiais, na prática do cotidiano escolar e nas informações das entrevistas.

Descrição e análise dos documentos

A Secretaria Municipal de Educação, cultura e Esporte, por meio do Departamento de Ensino organiza suas metas através de documentos como: Projeto Ciclo Básico de Alfabetização, Avaliação do Ciclo Básico, Ementa escolar C.B.A, Classificação de níveis e Gráfico de aproveitamento pedagógico.

O Projeto Ciclo Básico de Alfabetização traz as orientações gerais para implantação do sistema em ciclos nos anos iniciais com os respaldos filosóficos e metodológicos, utilizando como suporte avaliações realizadas junto aos professores das escolas para justificar o retorno ao sistema seriado (3ª e 4ª séries) no ano de 2001. Com base nestas diretrizes a escola elabora o seu Projeto Político Pedagógico. Tem na Ementa C.B.A. o principal documento de acompanhamento curricular e também de avaliação, pois com base neste o planejamento é elaborado e o acompanhamento dos alunos realizado. A escola recebe também uma ficha para registro dos níveis dos alunos, bimestralmente. Posteriormente as informações transformam-se em gráficos pelo Departamento de Ensino, que os encaminha à escola.

A análise dos documentos que tivemos acesso ao longo das visitas periódicas à escola e quando necessário ao Departamento de Educação da Secretaria Municipal de Educação Cultura e Esporte, apóia-se no entendimento posto por Shiroma, Campos e Garcia (2006) de que “os documentos oficiais são relevantes tanto porque fornecem pistas sobre como as instituições explicam a realidade tanto porque fornecem pistas sobre como as instituições explicam a realidade e buscam legitimar suas atividades...” (p.428). Dessa forma estes nos servem de base analítica da realidade observada, em especial, em uma escola organizada em ciclos.

A política de ciclos trouxe avanços ideológicos, reflexivos, de coletividade em seu “vocabulário da reforma”²⁷, mas também o deslocamento da exclusão para dentro do espaço escolar quando este não é contemplado por todas as mudanças necessárias à sua implantação.

Este é um sentimento e também foco de nossa análise ao acessarmos os documentos oficiais. Percebe-se a preocupação com a diferença entre as crianças, mas ainda não se sabe o que fazer com esta no espaço da sala de aula.

Diante de nossa análise, a principal dificuldade de realização de um trabalho heterogêneo dá-se devido ao número de alunos por turma. Pesquisas realizadas por autores como Crahay (2007) mostram que “os alunos que permanecem os 04 anos em classes de tamanho reduzido têm, no 4º ano, um avanço da ordem de seis a nove meses em termos de aquisição sobre seus colegas de classes mais numerosas”. (p.190).

Mesmo quando trabalhamos com a idéia de um professor ‘referência’, este se limita no fator estrutural, que segundo nossa concepção irá comprometer fatores importantes mencionados em documentos oficiais como a avaliação que se propõe ser contínua e acumulativa e outros conceitos importantes como respeito ao ritmo dos alunos, oportunidades diferenciadas, respeito às diferenças, além de outros. No caso dos três citados, há ênfase no planejamento da escola com vistas às ações que possibilitem aos alunos uma construção mais individualizada.

A heterogeneidade aparece como pano de fundo nesta construção quando a escola expressa a preocupação com um trabalho diferenciado ao registrar nas

²⁷ “Vocabulário da reforma” termo usado por Shiroma, Campos e Garcia (2006) ao se referir à vulgarização que por vezes se faz com alguns termos usados como estratégia de legitimação de alguns discursos. Acreditamos que no discurso dos ciclos, este, por vezes seja utilizado.

diretrizes da avaliação a formação de pequenos grupos na classe e a aplicação de atividades mais direcionadas (Projeto Político Pedagógico, p.80). Estes aspectos são fundamentais na organização do trabalho do professor, mas que infelizmente fica bem prejudicado diante do fator estrutural de organização da turma, além de percebermos ainda o trabalho sendo feito intuitivamente, faltando uma capacitação mais específica para o trabalho diferenciado em sala de aula.

Apontar para trabalhos individualizados e também em grupos requer uma compreensão de como isto pode se dar eficazmente, com objetivos claros e organização precisa. Apesar da diferenciação de atividades serem passadas em alguns países em forma de manual, ou através de uma organização muito técnica, percebemos que nosso professor precisa muitas vezes de orientações mais precisas e detalhadas para desenvolvimento de seu trabalho, principalmente se este se constituir com bases em uma construção que leve em conta o aspecto cultural de sua formação, do aluno e do espaço escolar.

Durante o tempo em que o professor observa os seus alunos e trabalhando, individualmente ou em grupos, analisa tarefas, percebe se existe alguma dificuldade, tenta outras maneiras de trabalhar o mesmo tema, discute com a turma, aplica algumas atividades que serão específicas para este fim, anota em seu caderno as diferentes relações das crianças, guarda alguns trabalhos para acompanhar para refletir melhor... (Projeto Político Pedagógico da Escola Aurora, p.80).

A prática desenvolvida pela escola, com base nesta orientação em seus registros oficiais, é uma ferramenta, que se bem utilizada pode ser diferencial na vida escolar do aluno, com acompanhamento de suas produções desde o registro através das figuras, passando pela formulação de frases simples, até a formulação de texto. Tudo isto registrado em um espaço dedicado a cada aluno, de cada turma e com as intervenções necessárias.

De acordo com os registros feitos, em alguns momentos, o professor fica inseguro, com medo de registrar a fase exata em que o aluno encontra-se. Isto nos reporta a Vygotsky, um dos autores que fundamenta o trabalho da rede, que traz contribuição a este respeito ao chamar atenção para a zona de desenvolvimento proximal do aluno. Considerar o que o aluno ainda não faz, mas que seguindo a mediação do professor possa construir, segundo o seu potencial. Como muitos professores que se encontram na sala de aula são oriundos de um concurso

recente, acreditamos ser necessária uma retomada das diretrizes que embasam o trabalho para um estudo mais apurado, ou uma capacitação voltada para este fim.

Outra questão importante mencionada em documento refere-se ao tempo de planejamento, que se não contemplado compromete qualquer trabalho. No caso de uma escola em ciclos, este ocupa um espaço ainda mais relevante e toma amplitude ao primar pela coletividade. Considerando que o tempo determinado na organização seriada de 200 dias letivos passa a ser entendido em um sistema ciclado como de 600 dias letivos, reforçar a articulação entre os professores é fundamental para haver seqüência no trabalho. A passagem de um professor para o outro apenas no término de cada período anual é pouco diante do que se propõe construir.

A possibilidade da troca entre os professores que têm uma maior compreensão do trabalho diferenciado, daquele que traz uma bagagem prática maior com aquele que não compreende bem o processo de aquisição da leitura e da escrita ou ainda que chegam agora ao universo escolar poderia garantir avanços significativos no desenvolvimento tanto dos professores quanto no processo de evolução dos alunos.

É uma escola que acredita na importância do saber fazer e do saber ser, sendo um espaço para a troca de experiência entre educadores e educandos, troca esta de aprendizagem coletiva, de descobertas e socialização das descobertas, um espaço de construção do conhecimento (Projeto Político Pedagógico da Escola Aurora, p. 13).

Pela compreensão de que o discurso não é isento de intenções, conforme salientam Shiroma, Campos e Garcia (2006) e Mainardes (2006), preocupamo-nos quando encontramos ainda em documentos oficiais referências ao sistema seriado: relatório individual do aluno por bimestre, organização do ementário por disciplinas, conselhos de classes bimestrais.

Sabemos historicamente que muito mais do que mudança de nomenclatura, a escola precisa da mudança de postura de seus atores, mas também percebemos que as nomenclaturas encontradas nos textos ainda trazem uma carga ideológica e cultural que precisa ser revista e por entendermos que as pessoas que atuam na escola podem ser co-autoras do texto oficial acreditamos que o que a escola descreve como indicativo para sua prática precisa ser compreendido com conseqüências reais.

Análise das observações

Neste momento de análise, “é importante lembrar que as reflexões são um meio para a realização de um estudo melhor, e não um fim em si próprias” (Bogdan e Bicklen, 1994, p.165). A apropriação desta fala é uma tentativa de equilíbrio entre as descrições realizadas e as reflexões que neste momento dão-se com referência à observação da sala de aula e às entrevistas realizadas.

Durante a observação da sala de aula é nítido o esforço do professor por atender os diferentes níveis existentes entre os alunos. Em um dos dias encontramos a turma dividida em dois grupos com atividades diferenciadas. Enquanto o grupo já alfabético se debruçava na leitura e interpretação de um texto no livro didático, o professor trabalhava no quadro negro com o outro, com atividades mais iniciais. Ao retornar para correção do texto, deixou que os alunos copiassem uma música do quadro (três alunos deste grupo copiam, mas não lêem), para posteriormente cantarem juntos, como fechamento da aula. Os alunos foram chamados neste instante para assistirem a um teatro. Por mais que a atividade-extra tenha contribuído com o crescimento dos alunos a aula ficou muito prejudicada. A temática referia-se à discriminação racial, feita com o manuseio de bonecos, malas, livros de história e instrumentos que produzem som, onde era contada a história da África e do nascimento de alguns dos instrumentos. A falta de um planejamento prévio não permitiu o fechamento da aula adequadamente.

A questão do tempo é um fator que precisa ser repensado dentro da sala de aula e principalmente em uma escola em ciclos que traz este como um dos seus eixos principais. Tempo em várias vertentes: como dilatação de permanência na escola, ampliação de avanço da aprendizagem, forma de uso no espaço da sala de aula, como também na relação que este tem com a avaliação.

Por vezes a má utilização do tempo na sala de aula, um planejamento não cumprido ou demasiada carga de conteúdo levam o professor a fazer uso do dever de casa de forma tradicional, para fins apenas de cobrança. Além disto, há o perigo de atrelar aos alunos que não cumprem as tarefas de casa adjetivos negativos, como bagunceiro, desatencioso e descompromissado.

Tendo como discurso ser elo de integração entre a escola e a família, o dever de casa formulado sem cuidado ou objetividade pode gerar conflitos entre a família e a escola. Muitas vezes os pais não podem ajudar nas tarefas de casa por

serem analfabetos ou por não compreenderem as questões apresentadas por estarem fora da dinâmica do ambiente escolar.

Além de ser um elemento importante na prática pedagógica, o dever de casa é parte de uma política, sendo usado também como uma variável importante na avaliação externa (SAEB)²⁸. Mais que uma obrigatoriedade para professores e alunos, a tarefa de casa precisa ser um momento de prazer, seguido de incentivo, como observado na pesquisa na prática do professor.

Atrelada à importância e dificuldade de gestão do tempo, observou-se a postura do professor diante do tamanho da turma, que na realidade tem três grupos, se pensarmos nos três que não lêem e em cinco que ainda não estão no nível alfabético. Apesar do auxílio da bolsista, esta acaba contribuindo com a retirada dos três alunos do grupo, já que o conteúdo é trabalhado apenas com eles. De acordo com a estagiária, sempre que há ausência de algum professor, ela precisa se deslocar para outra turma, comprometendo o trabalho com as crianças, conforme o que foi observado, ficam em sala sem nenhum direcionamento.

A disposição da sala de aula também não coopera com uma proposta diferenciada, visto que os alunos ocupam espaços muito definidos que acabam reforçando a discriminação. Os grupos acabam ficando muito particularizados, há pouca interação, no sentido de troca entre eles. Além de, conforme minha impressão, haver uma tendência natural do professor em referir-se ao lado esquerdo da sala de aula, já que estes alunos retornam com mais facilidade seus questionamentos.

Análise das entrevistas

A análise do material discursivo resultado das entrevistas foi realizada através da leitura e levantamento de categorias. As categorias estabelecidas foram: planejamento do currículo, metodologia e avaliação, analisadas à luz de questões mais gerais também consideradas relevantes.

De início, a entrevista com o professor da turma e a professora orientadora seria realizada em um sábado, em sua casa, por sua própria sugestão,

²⁸Além de medir o desempenho escolar, o SAEB coleta dados sobre os alunos (com questões de caracterização socioeconômica e cultural e de hábitos de estudo), os dados do SAEB revelam que as crianças cujos professores passam dever de casa apresentam melhores resultados nos exames. O dever de casa aumenta o tempo de fixação da matéria.

posteriormente preferiu-se que fosse realizada na escola. No dia marcado a entrevista aconteceu na sala de leitura, junto ao auditório da escola, por ser um ambiente mais reservado. Primeiramente com o professor que chegou mais cedo e a da professora orientadora mais tarde na sala dos professores, por opção dela. Tanto a professora orientadora e o professor autorizaram que as entrevistas fossem gravadas. O sentimento que passaram foi de prazer em estarem sendo ouvidos e de elevação de auto-estima por participarem de um trabalho de pesquisa, mesmo sentimento registrado posteriormente na entrevista com a Diretora de Departamento que acredita que a pesquisa poderá sinalizar como está o ciclo e contribuir para pequenos ajustes na dinâmica da proposta.

Antes de iniciar a entrevista com o professor, conversamos um pouco com a funcionária encarregada da sala de leitura, que nos trouxe algumas informações sobre a comunidade e construção da escola. Além de relatos mostrou-nos um acervo de fotos referentes à inauguração e a momentos comemorativos.

Ao final da entrevista com o professor, retornamos à encarregada pela sala de leitura que falou um pouco das dificuldades em desenvolver seu trabalho, já que segundo seus registros, são poucas as turmas a utilizar o espaço. Isto nos fez refletir sobre como é necessário repensar a importância da concepção de espaço, temática tão enfatizada pela proposta em ciclos, pois observamos que, além de mudar-se pouco ou quase nada do espaço escolar, outros espaços disponíveis para apropriação de conhecimentos não tão formais são pouco utilizados.

A entrevista com a professora orientadora deu-se no mesmo dia, mais tarde na sala dos professores, como dito anteriormente, porém em fase da transcrição das entrevistas observamos que o material sofrera prejuízo devido às várias entradas de pessoas na sala, sendo então solicitado um novo encontro. Por desejo dela a entrevista se deu em forma de questionário escrito, alegando dificuldades em falar no gravador.

As entrevistas com a Diretora do Departamento de Ensino e a Diretora da escola foram realizadas algumas semanas depois das transcrições anteriores serem concluídas, ambas em seus locais de trabalho e com autorização das mesmas foram gravadas e transcritas sem nenhum problema.

Partindo para a análise dos dados coletados, observamos que, apesar de não ser uma categoria central, uma questão que parece permear a fala do professor, que considero importante registrar, é quanto à coletividade. Há sempre

presente o discurso de necessidade de ‘se fazer às coisas coletivamente’, ‘de trocar conhecimento’, de ‘discutir com os alunos’, apesar disto acontecer apenas informalmente no espaço escolar. A coletividade parece ser buscada tanto entre os professores que compõem o ciclo, quanto entre os que retornaram ao sistema seriado. Apesar de ser uma questão posta, há ainda, segundo o professor, o medo de mostrar-se incompetente perante o colega, resultando em distanciamento, além de outros fatores como dupla jornada, distância entre a escola e a moradia etc.

Desafios postos pelo professor servem como reflexão, para implantações futuras: 1) a dificuldade de diálogo com a família continua presente, agora com particularidades pertinentes a um sistema que elas não conhecem, trazendo em suas memórias referência ao sistema seriado, aumentando assim o desafio da escola de informar questões referentes ao sistema de avaliação e à sistemática do trabalho desenvolvido na sala de aula e à diferenciação propriamente dita entre os alunos. 2) crianças em níveis diferentes, que precisam da intervenção do professor para aproximação destes. Fator este agravado pelos alunos recebidos na escola oriundos de transferência de outra escola ou mesmo de outro Município. Essa tenta amenizar a questão na estruturação das turmas, conforme a fala da Diretora do Departamento de Ensino:

“...Os alunos que permanecem na escola a gente já tem o conhecimento de quem eles são e como eles são, os alunos novos a gente não tem o conhecimento, aí a gente tem duas estratégias, a primeira: os alunos que são novos na escola vão ter um período de adaptação e após este período vai ser aplicado um diagnóstico para saber em que nível de escrita e leitura ele está e pra ver em que momento ele vai estar se adequando e os alunos que já permanecem a gente também indica a formação de turmas de acordo com os níveis de escrita e de leitura também, sabendo que no primeiro momento estes alunos vão estar meio que homogêneos, digamos assim, mas com o passar de tempo, de um mês este quadro muda, essa situação muda e há uma mudança de níveis muito grande dentro da própria sala e que as vezes é difícil para entendimento do professor, e ele quer que a gente retorne de novo, então vamos mesclar de novo. Nós até fizemos uma tentativa desta, de estar sempre colocando... aquele grupo avançou, então eu vou juntar com o outro grupo que já avançou, que está silábico

alfabético, por exemplo vou juntar para caminhar, só que estava ficando uma loucura, e a gente percebia que o grupo quanto mais heterogêneo, é uma percepção ainda muito nossa, enquanto secretaria, quanto mais heterogêneo maior e a contribuição para assimilação e a formação de novos grupos, até da formação dos grupos na sala de aula. Aquele que está com um nível mais avançado ele ajuda ao outro que ainda está começando, é só você saber elaborar atividades e propostas para que eles se integrem e um aluno ajude ao outro”.

A organização das turmas busca contribuir com a metodologia utilizada na estratégia de diminuição da diferença de níveis entre as crianças na escola que se dá através de um trabalho inicial voltado para atividades artísticas de teatro, dança, coreografia e música e sequencialmente através de atividades diferenciadas. Os níveis aqui mencionados são parte central do trabalho do município, definindo através de um ementário a forma de avaliação, o planejamento curricular e o trabalho proposto em sala de aula, como explicita o professor João:

“Acho que (...) todos juntos, teatro fazem juntos, jogos fazem juntos, usufruem da parte lúdica. Todos têm capacidade, indiferente do nível que eles estão. Todos conseguem participar. Quando eu comecei a trabalhar isso, aquela diversidade que tinha sumiu. Dá uma música, eles tinham que cantar, interpretar, encenar a música. Então, não precisava ler o texto, ouvindo eles já sabiam a música todinha. Com a música decorada, eles encenavam, interpretavam a música, quando ia para a parte da escrita e a leitura, eles já sabiam a música. Quando eu passava o texto da música, aqueles que não conseguiam ler convencionalmente, liam a música que estava no quadro ou num cartaz. Deu para trabalhar”...

Na realidade o que percebemos é o sentido dado à leitura e à escrita de uma forma mais ampla. As crianças após momentos de integração social e de prazer, através das atividades artísticas, têm acesso ao texto escrito com objetivos bem definidos. Atividades, inicialmente, são realizadas coletivamente e depois são aproveitadas para trabalhar os conteúdos referentes à etapa do ciclo.

A segunda questão posta é quanto à avaliação que aparece no discurso da prática como sendo algo processual, gradativo, que respeite o tempo de apreensão de conhecimento do aluno, afirmados na fala do professor:

“A avaliação é contínua, todo dia o professor avalia seu aluno, tanto no sócio afetivo, como cognitivo, o professor ta avaliando. Nessa avaliação a gente faz anotações, a gente tem um caderninho, nós anotamos o que o aluno atingiu, a avaliação da aula, aconteceu algo diferente, o aluno que não estava acompanhando avançou, a gente faz uma anotação. A cada final de bimestre nós temos uma avaliação diagnóstica, para ter como registro da escola e do professor para mostrar aos pais o que o seu filho avançou e ao final do ano letivo essas atividades diagnósticas são agrupadas, juntamos todas e fazemos um relatório final para ver o que o aluno conseguiu atingir. Nós trabalhamos assim, todos os dias o professor faz uma avaliação com o aluno”.

A última categoria de análise é o planejamento do currículo que definido num documento elaborado pelo Departamento de ensino e encaminhado às escolas que deverão a partir dele montar sua própria proposta, sem desconsiderá-la, por referir-se aos conteúdos mínimos, segundo a Diretora do Departamento de Ensino:

“Esse documento é... na verdade... o meu primeiro trabalho na secretaria que foi participar da elaboração desse documento, que não se tinha... E tinha uma experiência na escola particular e não se tinha nada direcionado do que deveria ser trabalhado dentro de cada disciplina, mesmo sendo uma proposta de ciclo, uma proposta integrada, mas o que se consideraria pertinente na área de português, na área de matemática... Então a gente começou a elaborar o que consideraria interessante para que o aluno fechasse aquele momento... aquele ciclo... aquele período e seriam as questões mínimas... os conteúdos mínimos, as habilidades mínimas que aquele aluno teria dentro dessa proposta. Então a ementa é isso... a gente vê dessa forma”.

Análise dos dados

Primando pela validade do trabalho de campo seguido da análise e interpretação dos dados coletados ao longo da pesquisa, tivemos constante preocupação de entendimento do que fora fornecido para que o trabalho não se limitasse a descrições, mas que trouxesse também informações que retratassem a posição de onde se colocavam os atores. Após leitura minuciosa dos documentos, das observações em sala de aula e das entrevistas, buscamos o que era recorrente nessas informações. Diante disto surgiram algumas temáticas gerais como formação continuada, identidade, organização das turmas, que foram discutidas ao longo do trabalho e outras mais centrais como planejamento do currículo, metodologia e avaliação.

O planejamento do currículo é feito pelo Departamento de Ensino através de um documento subdividido em conteúdos mínimos por disciplina que deverá servir de base para a escola, além deste há também o registro de outros documentos oficiais que direcionam para um planejamento que possibilite aos alunos uma construção mais individualizada que, na prática, já se dá com algum avanço, mas que ainda esbarra em dificuldades como a falta de tempo para um planejamento coletivo, por interferência de atividades externas da Secretaria Municipal de Educação, pela forma de organização da turma e também pelo mau uso do tempo na sala de aula.

O mesmo documento orientador para o planejamento serve para acompanhamento do aluno quanto ao critério de avaliação. Diante do que é posto pela escola em seus documentos oficiais e nas falas da Diretora do Departamento, Professora Orientadora e professor da turma a avaliação deve ser contínua, dando-se diariamente. A relação que aparece entre tempo de aprendizagem e avaliação reafirma uma questão muito importante na formulação e implantação do ciclo, atenuada por Miranda (2005)

A proposta de organização por ciclos seria, assim, uma mudança no modo de conceber o processo de avaliação escolar que se realizaria mediante uma profunda alteração no conceito de tempo e de espaço na escola. Se um ciclo é, profunda alteração no conceito de tempo e de espaço na escola. Se um ciclo é, segundo nos diz o Dicionário Aurélio, uma ‘série de fenômenos que se repetem numa ordem determinada’, está sendo proposto que seja dado mais tempo para que, durante a permanência naquele espaço, os alunos possam beneficiar-se mais da escola, que sejam completados seus ‘ciclos’, que os círculos se fechem. (p. 642).

Entretanto, ainda observamos dificuldade da escola em entender a ampliação de tempo que o ciclo propõe em sua organização curricular, também registrada oficialmente e que acaba resultando numa única preocupação o preenchimento de documentos, neste caso da ementa. A divisão em conteúdos, que se pensou para organizar o trabalho, acaba por fechar a ação dos professores e reforça a memória da estrutura seriada. A avaliação é prejudicada pela falta de tempo para diálogo entre os professores do ciclo com um planejamento coletivo mais formal, com tempo destinado para discussões referentes à vida do aluno ao longo dos 600 dias letivos e não apenas em períodos de fechamento, neste caso dos bimestres, conforme consta nos documentos da instituição. O projeto Político Pedagógico da escola traz um discurso sobre coletividade, que não condiz com o observado na prática (p.13).

Existe uma proposta no *contexto do discurso* propondo o trabalho com a heterogeneidade, entretanto na escola no *contexto da prática* ainda não acontece da forma proposta no documento, pois segundo o resultado da observação e das entrevistas falta formação específica para trabalhar em ciclos e apoio estrutural (organização da turma, material, orientação mais direcionada da equipe administrativo/pedagógica, reestruturação do espaço e do tempo). O trabalho desenvolvido pelo professor traz importantes contribuições para a construção de uma nova prática que possa contemplar com sucesso os grupos heterogêneos. Mas apesar dos esforços do professor e da orientadora, a escola não consegue afastar totalmente a exclusão e a reprovação.